

REVISTA ILUSTRADA

CORTE

ANNO	16 \$ 000
SEMESTRE	9 \$ 000
TRIMESTRE	5 \$ 000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO

PROVINCIAS

ANNO	20 \$ 000
SEMESTRE	11 \$ 000
AVULSO	1 \$ 000



*A' mais gloriosa das datas!
Ao 13 de Maio da Humanidade!*

NOVE DE JULHO

Homenagens á Nação Argentina



ESCRITORIO E REDACÇÃO,
RUA DE GONÇALVES DIAS, 50, SOBRADO

UM SONHO

Ainda ha pouco tempo, por duas ou trez vezes, como que passou pelo Brazil o sopro ardente da guerra e todos nós estremecemos ante a visão sinistra de uma catastrophe, que nos levaria aos campos da batalha, em uma lucta pavorosa.

A cada passo, na rua, os amigos e as pessoas mais versadas no movimento politico, tomando-nos o braço, com reserva, como se fosse um crime fallar alto n'essas cousas, diziam-nos, a meia voz:

— E, então? Está ahi a guerra. Não ha meio de evital-a...

A todos, absolutamente, nós respondemos — com essa convicção intima que participava mais do presentimento do que da logica, o seguinte, que nos é grato repetir hoje:

— Não! Isso é impossivel.

— Como, impossivel? Está ahi...

E com o dedo, como que nos apontavam já o horisonte incendiado pelo fogo das hostes inimigas, e aos nossos ouvidos quasi soava esse côro tragico de gemidos e de detonações, que é a guarda avançada de todas as miserias humanas, symbolisadas n'esta simples palavra: guerra!

Francamente, era tão unanime a opinião de que estava imminente o conflicto, que, por vezes, ficavamos abalados.

Mas, ai, do politico, ai do propagandista, que não tiver fé!

Abandonado de todos os argumentos, diante da conspiração dos factos, vendo quasi a contenda travar-se, n'esses momentos de profunda angustia, era ao nosso coração que pediamos um conforto, e, esse

utupista sublime, que todos guardamos no peito, para nos consolar e animar contra tudo e contra todos, segredava-nos, sem dizer porque, que essa guerra era impossivel.

O certo é que nunca acreditamos n'ella, e que muitas e muitas vezes manifestamos, n'esse sentido, a nossa convicção.

E' verdade que nos viamos muito embaraçados, quando nos inquiriam das razões em que fundavamos essa crença.

Não tinhamos razões, não tinhamos argumentos, mas tinhamos como que uma visão do futuro.

E, diziamos, em ultimo recurso:

— O povo argentino e o povo brasileiro não têm razões para se odiarem. Elles não têm culpa das intrigas dos politicos.

Nossos interlocutores abanavam a cabeça, ante a fraqueza dos nossos argumentos, pois a fé que abalava as montanhas n'outro tempo, a elles não causava impressão alguma.

Assim se foram passando os mezes, entre inquietações e receios, até que o dia 13 de Maio, como uma janella que se abre ao sol, espancou todas as trévas e faz-nos viver até hoje, n'um ninho de luz, que doura a estrada do futuro.

Do passado, só temos a recordação passageira e má de um pesadelo.

E assim, como a 13 de Maio, a mão do povo argentino se estendeu para nós, com effusões de entusiasmo, vencendo todos os preconceitos; no dia de hoje, nós não nos limitamos a apertal-a, com carinho, mas estreitamol-a contra o peito, para que sintamos como o nosso coração bate contente e agradecido.

Salve! povo magnanimo.

E' com desvanecimento e orgulho que dizemos ao povo argentino: o dia 13 de Maio nos uniu; nada mais nos poderá separar, porque na America, o que a liberdade faz, ninguem mais tem o poder de destruir.

25 de Maio de 1810--9 de Julho de 1816--
3 de Fevereiro de 1857

Eis as grandes datas que assignalam os tres marcos gloriosos da historia do povo argentino.

Na primeira d'ellas solta o povo, oprimido pelo regimen colonial, o primeiro vagido da liberdade. E' o instincto da independencia que se revela.

A aspiração popular não se concretisa desde logo em uma formula politica, porque o sentimento dominante é o do *americanismo* instinctivo, o da libertação do territorio, subtrahindo-o ao dominio hespanhol.

Repellir a preponderancia estrangeira, sacudir o jugo europeu, emancipar o territorio da vassalagem colonial, crear a patria — tal foi o primeiro movimento impulsivo do povo argentino ao investir contra a auctoridade da metropole e ao derribar as insignias do poder politico que symbolisava a escravisação da patria, sob o despotismo da monarchia hespanhola.

Na segunda define-se o caracter politico da revolução; a aspiração da independencia acha a sua formula na constituição da nacionalidade argentina, proclamada com a independencia do territorio a soberania popular e ficando instituido o governo democratico electivo no regimen da união das provincias, que passaram a constituir a Confederação Argentina.

Na terceira, pela queda do tyrano Rosas, succumbe em Monte Caseros o centralismo absorvente, que, sob a falsa bandeira do federalismo, concentrara nas mãos do governador de Buenos Ayres a summa do poder nacional, opprimindo, sob o guante ferreo do mais feroz despotismo, a liberdade dos cidadãos e a autonomia dos governos provinciaes.

Nesta marcha ascendente da civilisação e da grandeza da Republica Argentina, marcha effectuada, embora pela via dolorosa das revoluções, dos soffrimentos e dos sacrificios, observa-se o mesmo caracter historico que distingue o movimento insurreccional da independencia de todos os povos americanos e a escala percorrida é a mesma em todas as nações.

A lucta inicial, o primeiro protesto, a primeira revolta, é a revelação desse novo sentimento impulsivo, que mais tarde se transforma em um principio e chega a imprimir nas idéas, nos costumes, nas instituições, esse cunho peculiar ao qual varios publicistas já denominam — o *americanismo*.

Julio Verim

Q. BOCAJUVA.
(Do País.)

9 de Julho

Saudando hoje a Republica Argentina, n'este glorioso anniversario, sentimos as expansões de jubilo com que tomamos parte nas festas de familia.

A sua festa nacional é-nos tão grata como as nossas grandes datas, porque essa, como estas, representa a affirmação das novas nacionalidades, oriundas do velho mundo, galhos da arvore secular da civilisação, que vieram enxertar-se aqui nas possantes florestas americanas. Estes trazem a belleza de efflorescencia, que o cultivo apurou; nós damos-lhes a abundancia da seiva, a vida nova que exuberante deste sólo inexplorado.

N'estes dias de communhão sympathica, os espiritos e os corações entendem-se do Amazonas ao Prata, abatem a magestade dos Andes, com o mesmo olhar contemplam os dous grandes oceanos, e lembram-se com orgulho, que nos banham essas mesmas aguas em que se remira o glorioso pavilhão estrellado dos Estados Unidos.

FERREIRA DE ARAUJO.
(Da Gazeta de Noticias)

9 DE JULHO

Ha alguma cousa de Babel nessa obra grandiosa, sobre a qual, felizmente, não paira um Deus cioso. Fallam-se todas as linguas; queimam-se todos na ambição patriótica de fazer da republica uma obra que topete com os Céus.

A patria impõe-se; cada cidadão guarda-a inteira no seu dever. Sente-se que o povo argentino tem um ideal, tem uma fé, que solidifica aos seus pés as ondas mais revoltas.

Em poucos annos elle conseguiu tornar uma realidade a federação, tendo tido, aliás, precedentes de unitarismo ferrenho.

Senhores da sua autonomia os estados desenvolvem-se com a mesma febre da metropole nacional. E' uma lucta sem descanço; cada um sacrifica-se para fazer a gloria de toóos. Olhos no futuro, nenhum homem, como nenhum estado, olha para a ephemeride fatal do presente. Ninguém para lamentar-se, porque precisa de tempo para pensar e agir. Um erro corrige-se por um milagre de coragem: E' admiravel o diagramma d'essa civilisação; é ao mesmo tempo a culminancia e o paiz. Dão-se n'ella os accidentes dos Andes; a cordilheira americana do sul é a imagem do espirito do grande povo. La dentro vulcões, gelos eternos, planaltos, quédas precipitadas de aguas, algares insondaveis e como espirito umas largas azas para os maiores vôos e umas pupillas inofuscaveis para encarar o sol de frente.

Com a resolução que só podem ter os povos conscios da sua força, a Republica Argentina pratica a sociologia de modo o mais scientifico e auçaz.

JOSÉ DO PATROCINIO.
(Da Cidade do Rio)

9 de Julho

Hoje tambem a nossa cidade em festa felicita a Nação Argentina pela grata commemoração da sua independencia com tanta gloria conquistada e com tanto esplendor mantida.

A' mesma hora, talvez, em que sejam aqui lidas estas linhas, a commissão da imprensa fluminense em Buenos-Ayres, agradecendo, sem jámais poder inteiramente compensar as tão extremadas gentilezas, que prodigamente lhe tem sido dispensadas, traduz em sincera saudação os sentimentos do nosso povo reconhecido.

O *Jornal do Commercio*, interpretando fielmente estes sentimentos, saúda com a maior cordialidade a generosa Nação Argentina.

(Do *Jornal do Commercio*.)

A' REPUBLICA ARGENTINA

Os laços de sympathia e união entre as duas maiores nações sul-americanas, que as ligaram nos campos das batalhas, no periodo da guerra contra o governo que opprimia a republica do Paraguay, não podiam deixar de tornar-se cada vez mais estreitos, quando, terminada a luta, procuraram no desenvolvimento de suas populações, de suas industrias, de seu commercio, a prosperidade a que estavam destinadas pelos elementos naturaes de que dispunham.

Só na paz, só na harmonia de suas relações internacionaes, podiam a Republica Argentina e o Brazil encontrar a garantia de um verdadeiro desenvolvimento, pela evolução franca das forças nacionaes, auxiliadas por uma corrente immigratoria constante e avultada. A historia diplomatica dos dois Estados indica bem as intenções reciprocas de manter inalteravel a amizade dos dois povos.

Hoje, quando quebrados os ferros da escravidão, póde o Brazil, resolvida essa importante questão economico-social, tratar de, inaugurando nova éra ás suas industrias, entrar em um futuro de rapido desenvolvimento, justo era que a nossa amiga, a Republica Argentina, se congratulasse connosco e exprimisse de maneira solemne essa sympathica união de interesses, que os factos demonstravam ao historiador attento ao seu succeder.

(Do *Diario de Noticias*.)

A nação argentina

O povo brasileiro acha-se n'este momento para com o povo argentino em uma dessas dividas nacionaes que não se sabe a quem honram mais, se ao credor, se ao devedor. O grande arbitro do egoismo, La Rochefoucault, disse que a pressa de desobrigar-se já era uma especie de ingratição. Nós não temos tal pressa. Em primeiro logar reconhecemos que não somos

ricos bastante para pagar a nossa divida para convosco. Em segundo lugar nós amamos essa divida, porque ella nos une melhor do que mesmo a camaradagem dos campos de batalha.

Assim, o que a nossa imprensa procura fazer não é uma tentativa de pagar por pequenas parcelas uma divida insolúvel; é pelo contrario a repetição reiterada de que essa divida nos enche o coração, de que temos orgulho de deixal-a ás gerações que vierem depois de nós, como a parte melhor de sua herança.

E' de facto a declaração honesta que fazemos no Stock-Exchange da humanidade de que estamos fallidos para convosco.

Sim. A vossa joven e brilhante nação, por um desses impulsos que provam que na historia dos povos, como na vida dos individuos, o papel do inconsciente é sempre infinitamente maior que o da razão, a nação argentina aproveitou o dia da nossa maior emoção nacional para atirar-nos o laço de flores que nos prendeu...

D'onde nasceu aquelle impulso? Elle póde ter nascido do fundo commum, que, sem o saber, todas as nações americanas têm entre si, dessa força de cohesão continental ainda não estudada, ignorada até, mas cuja acção exerce-se na razão directa do progresso do continente. Elle póde ter nascido da reminiscencia ainda não de todo apagada de Caseros ou das recordações ainda vivas da Triplice Alliança. Quem sabe tambem se elle não nasceu das lagrimas com que no começo da nossa nacionalidade, como no de todas as outras nacionalidades americanas, a infeliz raça dos escravos temperou para todo o sempre neste continente o sangue do conquistador?

Quando penso, porém, na espontaneidade e no inesperado da aclamação gloriosa que nos veiu do Prata, parece-me que esse movimento de confraternisação, destinado a dar, d'ora em diante, a lei das nossas relações reciprocas, é a manifestação apenas da influencia que as duas grandes nações americanas do Sul do Atlantico, pela diversidade mesma de suas individualidades nacionaes, hão de ter que exercer cada vez mais uma sobre a outra no interesse da paz, da liberdade e da ordem no continente.

JOAQUIM NABUCO.

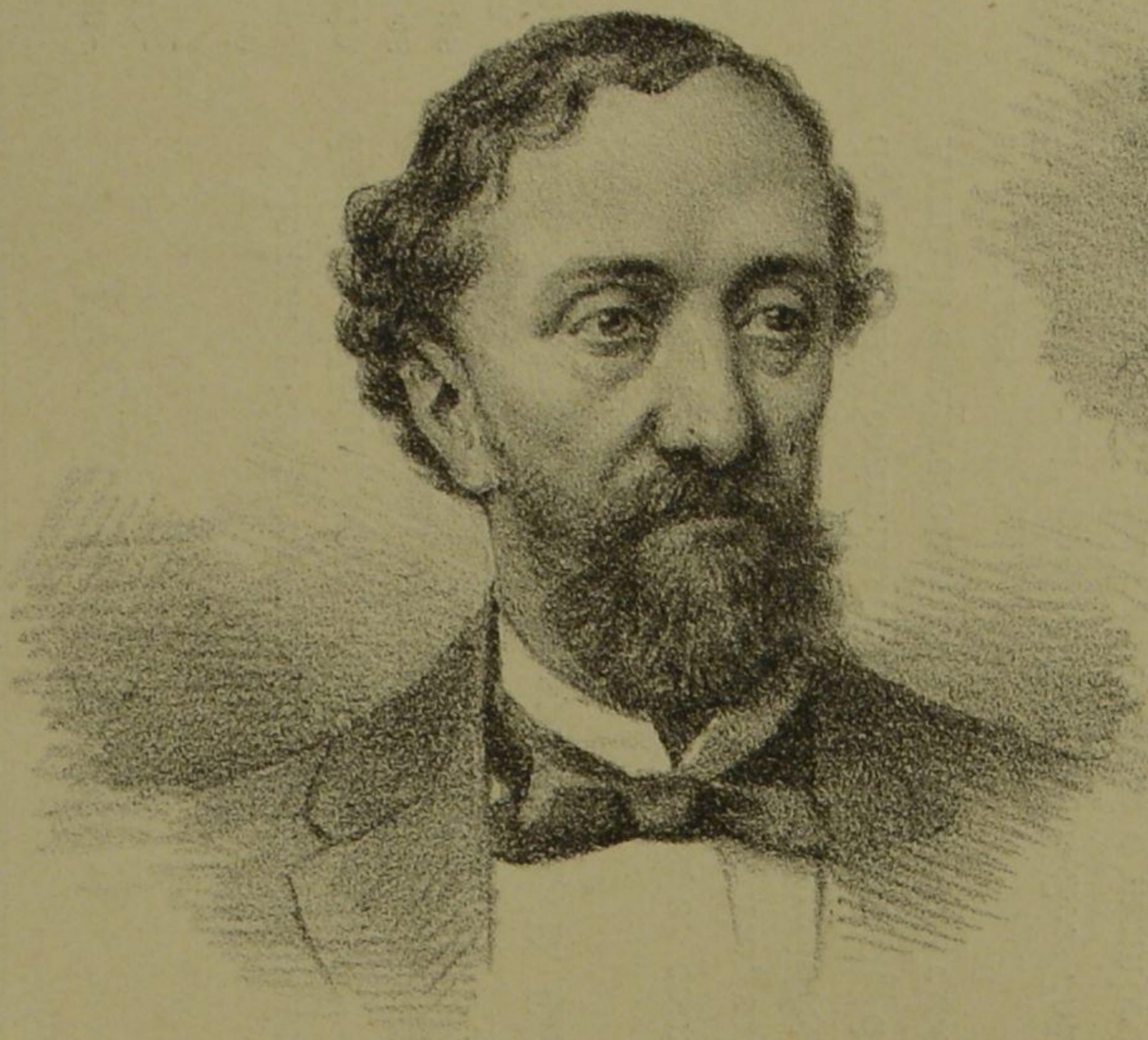
Independencia e Paz

Para os amigos da liberdade, para os grandes batalhadores na cruzada santa da abolição, não ha hoje *desideratum* maior que a manutenção da paz e da concordia com os nossos vizinhos.

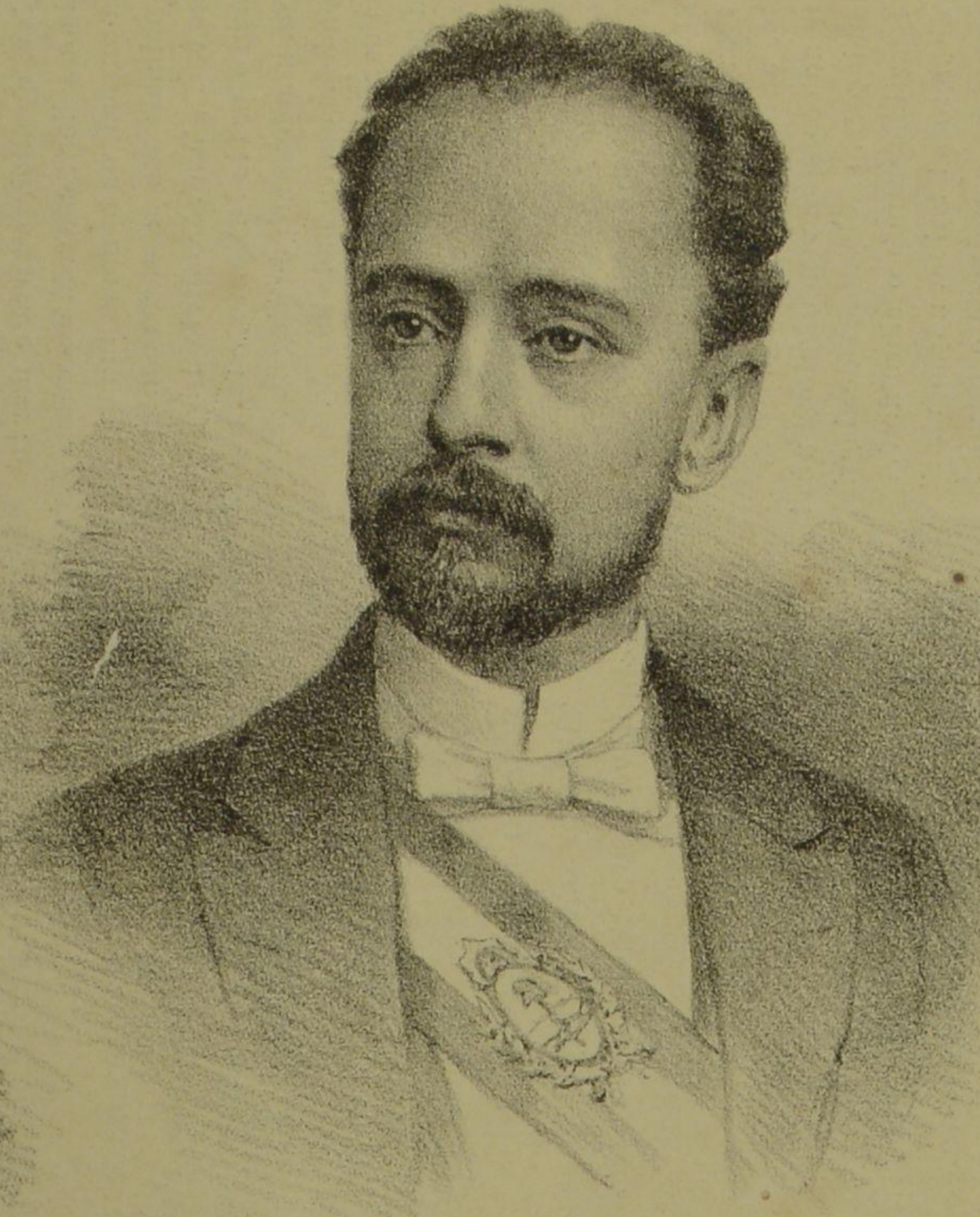
Com o cadaver da escravidão foram sepultados os velhos preconceitos coloniaes, e o sincero regosijo do povo platino no dia em que riscamos de nossas instituições a mancha secular, foi um movimento expansivo de fraternidade, que nos penhorou para sempre.

Os argentinos fizeram seus os enthusiasmos e ufanias dos brasileiros, e deram

Homenagem da "Revista Illustrada".



GENERAL B. MITRE
Ilustre politico.



D.º JUAREZ CÉLMAN
Presidente da Republica Argentina.



HECTOR VARELLA
Insigne jornalista Argentino.



○ Brazil e a Republica Argentina, no dia 9 de Yulho de 1880.

à data de 13 de Maio de 1888 a consagração luminosa de uma ephemeride americana.

O significado de tão cordial amplexo é simplesmente este: PAZ!

Neste dia tão glorioso para a Historia Argentina, apraz-nos misturar com os seus hymnos festivos á independencia, as vozes cordiaes da fraternidade brasileira.

A paz é maior do que quantos triumphos sonham os conquistadores.

JOAQUIM SERRA.

OBLAÇÃO

Brilhante o sol esplende, é o sol da liberdade!
São brilhos de alvorada, inicio de outra idade!
Salve! divina luz, que doiras terra e mar!
O bosque é todo em flor; convida a sombra a amar!
Aos sorrisos da aurora, os hymnos innocentes
Das brizas do palmar, dos passaros contentes,
Unem-se n'uma voz, n'um côro divinal!
Que verde e lindo o prado! Olente o laranja!
A patativa canta uns hymnos de alegria;
Da sabiá responde a suave melodia
Que foi hontem saudade, e é hoje de prazer.
Toda a floresta acorda ao doce alvorecer,
Desperta aos sons da festa, ao pipilar das aves,
Voz que do templo immenso echôa pelas naves.

Nas cidades o povo em festa se ajuntou...
Mas qual guerreiro som de longe nos chegou?
Festivo... alegre... Ouvi... E' voz de um grande povo,
Do gigante talvez do sul do Mundo Novo;
E' voz vibrante, ardente... americana voz,
Que vai direita ao céu, que vem direito a nós!
São cantos, saudações, são hymnos de alegria,
Da gloria do Brazil honrando o claro dia...
Salve! Povo de herôes! Salve, nação viril!
Em fraternal amplexo estreita-te e Brazil!
E's forte, e bravo, e bom; as nossas alegrias
O Pampa as repetiu; e agora que inebrias
A alma patriota, erguido o povo irmão
Te envia os votos seus em férvida oblação.

PEREIRA DA SILVA.

A EMBAIXADA

(A' Republica Argentina)

Ao presto embaixador: -- Corre, ligeiro,
Diz o Brazil, vai á nação vizinha,
Dá-lhe esta offerta pallida e mesquinha...
(E o coração entrega ao mensageiro).

Este parte veoz, chega altaneiro,
E exclama, erguendo a sua mão que tinha
Um cofre d'ouro: -- Eis o que a patria minha
Hoje te envia, ó povo hospitaleiro!

Abre o cofre, mas vê sorprendido
Que, por influxo de um poder celeste,
Tinha o thesouro desaparecido.

Sorri o povo ao perceber o enleio
Do pobre embaixador: -- Tarde vieste;
— Elle está aqui, diz-lhe, mostrando o seio.

FIGUEIREDO COIMBRA.

9 de Julho.

Récita de gala

Segunda-feira ultima realisou a Confederação Abolicionista, no theatro S. Pedro de Alcantara, um grande festival, em honra ao dia 9 de Julho e ao digno ministro Argentino, n'esta Côrte, D. Enrique Moreno.

A festa teve toda a solemnidade, comparecendo S. A. Imperial a Regente, seu Augusto Espozo, ministerio, senadores, deputados, commissões do exercito, da Armada e representantes de todas as classes sociaes.

A sessão foi presidida pelo Sr. João Clapp, rodeado pela directoria e membros da Confederação.

Fallaram eloquentemente os Srs. Dr. Joaquim Nabuco, José do Patrocinio, barão de Jaceguay, capitão Serzedello, Dr. Catramby, conselheiro Caminhoá e senador Dantas.

S. A. a Regente, entregou ao Sr. Moreno, o valioso brinde que esteve em exposição na casa Farani.

A festa esteve solemne e á altura do motivo que lhe dava lugar, deixando gratas impressões a todos os que a ella assistiram.

Representou-se a *Dalila*, pela companhia do Recreio Dramatico, retirando-se Suas Altezas e o digno ministro argentino depois da meia noite.

Livro da porta

Recuerdos

Gratissima impressão nos causou o elegante volume, colleccionado por D. Enrique Moreno e contendo as diversas manifestações do Brazil á Republica Argentina, por occasião do 13 e 25 de Maio.

E' o que se póde chamar uma ideia galante, essa que teve o digno Ministro Argentino, de dar forma perduravel ás manifestações do povo e da imprensa brasileira, colleccionando-as em um volume, que é um primor de arte e de amabilidade.

A' confecção do livro vê-se que presidiu uma vontade, apaixonada pelo seu objecto, e pondo o seu carinho e o seu enthusiasmo em tudo, desde a linda capa, até ao adorno e disposição das paginas. Nota-se em tudo, não só o fino gosto do colleccionador, mas tambem o desejo de fazer um trabalho de primor.

O livro, compõe-se, na sua grande parte, de extractos dos jornaes fluminenses, constituindo-se poderoso auxiliar para a historia da Abolição, em nossa patria.

E' mais uma grande fineza a accrescentar á nossa já insolvavel divida para com a Nação Argentina, e, se já desesperava-

mos de podermos corresponder dignamente, a tanta gentileza, agora, ainda o nosso embaraço é maior!

O que lhe affirmamos, porém, é que não será por falta de vontade.

E essa será a unica desculpa, de valor, que podemos apresentar, ao digno cavalleiro, ao nobre ministro, ao representante illustre do povo argentino que, em tão subido gráu tem sabido penhorar o povo brasileiro.

O Obstruccionismo e o Bedengó

O nobre Sr. barão de Cotegipe anda muito irritado, não tanto por prever a sorte do seu projecto de indemnisação aos escravos (perdão, aos senhores!) mas porque estão levando este caso para a galhofa.

Ha dias, quando S. Ex. appareceu no Senado, empunhando um grande rôlo de papeis, com os calculos do seu projecto, um senador disse que aquillo era *embrulho*.

Pouco depois, outro collega do illustre provedor da Santa Casa, vendo-o assomar á tribuna, com um enorme volume de pappellada, exclamou:

— E' o Bedengó.

E assim ficou chrisnado o estupendo projecto, que, na phrase de um jornalista, é a parasita pedindo ao tronco secco a indemnisação, por ter-lhe sugado a vida.

Para todos, hoje, esse projecto impossivel é classificado como o Bedengó.

Ha dous ou tres dias, eu mesmo vindo em um *bond*, vi o nobre barão que de longe, acenava ao conductor com um grande rôlo embrulhado em um oleado.

O conductor apressou-se em mandar parar o *bond*, dizendo entre dentes:

— E' o Bedengó.

No *bond* diversos passageiros receberam o nobre barão com um sorriso.

Entre elles vinha o Sr. Leão Vellozo, que, ao cumprimentar o seu collega, apontou para o rôlo e disse em voz alta:

— E' o Bedengó, hein?

Houve uma gargalhada geral.

Ora, isto, não é cousa que se ature. Andar assim por uma cidade, ouvindo motejos de todos os lados, é cousa, devéras, aborrecida.

D'ahi toda essa irritação do Sr. barão de Cotegipe.

Não é tanto a frieza do Senado, o seu silencio expressivo, a sua condemnação tacita, que põe o illustre ex-presidente do conselho fóra de si, irritado e quasi a reclamar um capacete de gelo.

A troça, é que dá lugar a isso.

E o Sr. barão de Cotegipe, vendo que ha quem se ria mais de S. Ex., quem tenha melhores ditos, quem o exponha assim ás gargalhadas, promete vingarse de Deus e de todo o mundo.

E que terrivel vingança!

Imagine-se que em cada discussão o auctor de um projecto tem o direito de fallar uma vez até esgotar a hora. O Sr. Cotegipe cumpre á risca esse programma e nós todos ficamos na obrigação de ouvir ou de lêr esses abracadabrantes discursos.

Sem tal expediente, o projecto teria morrido, ao ser apresentado, sem dar um pio.

Mas o seu auctor quer-lhe dár vida á fina força e para isso recorre ao obstruccionismo, tomando tempo ao senado e occupando horas e horas de sessões com as mais lamentaveis banalidades.

E o peor é que tal obstruccionismo ameaça perpetuar-se; pois o auctor do projecto declara que o apresentará todos os annos.

Está pois o Senado na attitude de quem recebe em cheio um meteorito de Bendegó.

Agora é aguentar.

Uma tal caçoada por fóra e um tal desdem lá por dentro, afinaram o auctor do projecto e o homem está que parece uma féra.

Ameaça tudo, só falla em revolução, está que é uma vibora.

Não haverá meio de socegal-o?

Quem sabe se recolhendo ao Muzeu o seu projecto, a sua vaidade não se lisongearia?

Lembramos a intervenção do Sr. Ladisláu Netto.

Exposição de Paris

Ora, graças, que as Camaras votaram um auxilio de 300 contos, para se occorrer ás despezas com a representação do Brazil na grande festa civilisadora de 1889.

O projecto passou por grande maioria, nas duas Camaras, o que é bastante lisongeiro para o nosso patriotismo.

Todavia, como seria para desejar que o Sr. Silveira Martins, um liberal, um homem que se diz adiantado, que a todo o momento ronca patriotismo, tivesse aproveitado essa exellente occasião de estar calado?

Mas, não! Os liberaes andam insaciaveis de escandalos, ávidos de fazerem côro com as insurreições de senzala, de exagerarem tudo, em detrimento do bem do paiz e só por amor ao governo, missão essa, em que se desacreditaram completamente nos ultimos tempos.

Infelizmente, porém, o Sr. Silveira Martins não se limitou a votar contra o auxilio aos expositores brazileiros, para irem ao grande certamen de 1889.

S. Ex. fez mais: S. Ex. fallou.

Quando nos constou que tal se tinha dado ficamos a tremer.

Procuramos o seu discurso e nada.

E' que S. Ex. gosta de esbravejar e de não publicar o que diz. E' systema velho, e què não prova lá grande hombridade.

Constou-nos, porém, que S. Ex. dissera, que, preferivel a gastar 300 contos com a representação do Brazil na exposição de 89, seria a applicação d'esse dinheiro em cavallos e em bois destinados ao Rio Grande e a Minas, para o aperfeiçoamento das raças.

Eis o grande argumento do chefe liberal Rio Grandense...

A' exposição de Paris elle prefere o crusamento da raça cavallar e bovina.

Mas, illustre padre conscripto, tenha paciencia. Uma cousa não prejudica a outra. A ida a Paris dos nossos productos não impede que a reproducção da raça cavallar se faça. E' o caso de dizer-lhe, como o povo, ás vezes:

— Isso, não óbêsta...

Assim, estamos vendo, que é do lado liberal que partem as maiores machinações contra tudo o que é, devéras, liberal, progressista, e adiantado.

Não comprehendemos que phenomeno é esse que se está passando, n'um dos partidos constitucionaes, depois de 13 de Maio!

Quem sabe se elle amaria mais o negro que a sua patria e andava a fingir que era o contrario?

Phome 1903



Muito espirituosa a seguinte chronica de Figueiredo Coimbra, sobre o theatro nacional.

Depois de fallar nos projectados auxilios á lavoura, diz o nosso collega:

E, entretanto, existe aqui uma cousa cujo estado é ainda mais precario que o da lavoura: é o theatro. Querem saber porque elle não morre? Porque, desde que cessou o periodo aureo de João Caetano, de Joaquim Augusto, Furtado Coelho, Alencar, Magalhães e tantos outros autores e actores da mais fina raça, elle não tem feito outra cousa senão morrer. Agora, quando o theatro nacional é accomettido do desejo do resuscitar outra vez, vem o governo e diz-lhe:

— Basta! Estás morto! Não te mexas mais, que é feio! Eu vou vêr si te arranjo uma lápida.

E não trata mais disso.

* * *

Uma noite destas entrei em um desses theatros, como entraria no Cajú no dia 2 de Novembro. Todo eu era compunção.

Era a primeira noite de uma peça muito em voga em Paris e que aqui fôra muito annunciada e fallada.

— Vou vêr estes queridos mortos, pensei eu, transpondo o saguão, onde, em um cubiculo transformado em camara ardente, jazia o cadaver do bilheteiro. Fóra, alguns curiosos, raros, apavorados.

Atravessei ousadamente a pequena distancia que ainda me separava do salão. Na meia-luz economica dos poucos instantes que precedem o signal para o começo da lugubre cerimonia, o panno de bocca, de um colorido vivo e risonho, pareceu-me negro. O pequeno numero de convidados que occupava uma terça parte do re-

cinto trajava o lucto rigoroso, adequado ao momento. Assentei-me em uma cadeira da primeira fila, bem perto do catalfo, e senti como que duas lagrimas quentes escorregarem-me nas faces; eram dous pingos de cêra que cahiam da balaustrada de um camarote.

Ouviram-se algumas martelladas lá dentro, e diante de mim a orchestra executou uma marcha funebre. Deu-se mais força á luz, para collocar aos olhos de todos, em plena evidencia, o quadro que iamós vêr. Subiu a cortina preta e começou a desenvolver-se a peça.

Era uma comedia alegrissima, que os actores, mumificados, representavam discretamente. Apesar de mortos, davam alguma vida aos papeis. Os convidados riam-se muito dentro dos seus sobretudos pretos, porque o frio era cruel, com umas gargalhadas entrecortadas de tosses unanimes. A peça agradou.

Em um intervallo fui visitar os artistas nas suas catacumbas. O actor X. fallou-me especialmente das grandes esperanças que a fallecida arte nacional depositava no governo. Eu não o dissuadi, para não lhe causar desgosto. O esqueletico autor dramatico Y... declarou-me que esperava obter o premio de 3:000\$ concedido annualmente á melhor peça nacional. Não o desanimei... Entretanto, senti-me incomodado com tanta boa fé, e resolvi ir-me embora o mais depressa possivel.

Ao retirar-me, já á distancia, ainda ouvia o autor dramatico que dizia:

— O premio do Affonso Celso...

E o actor X, que ponderava:

— E' impossivel que o Ferreira Viana...

De repente chegou-me aos ouvidos um barulho enorme, atoador: uma cavallhada triumphante invadia o theatro, em uma vertiginosa carreira, subjugando tudo á sua passagem: era a companhia equestre italiana dos irmãos Amato.

Uma carpideira, invisivel, soluçava:

— Desta vez não ha Christo possivel para este Lazaro!

Aviso

A.s Aventuras do Té Caipóra

2º FASCICULO

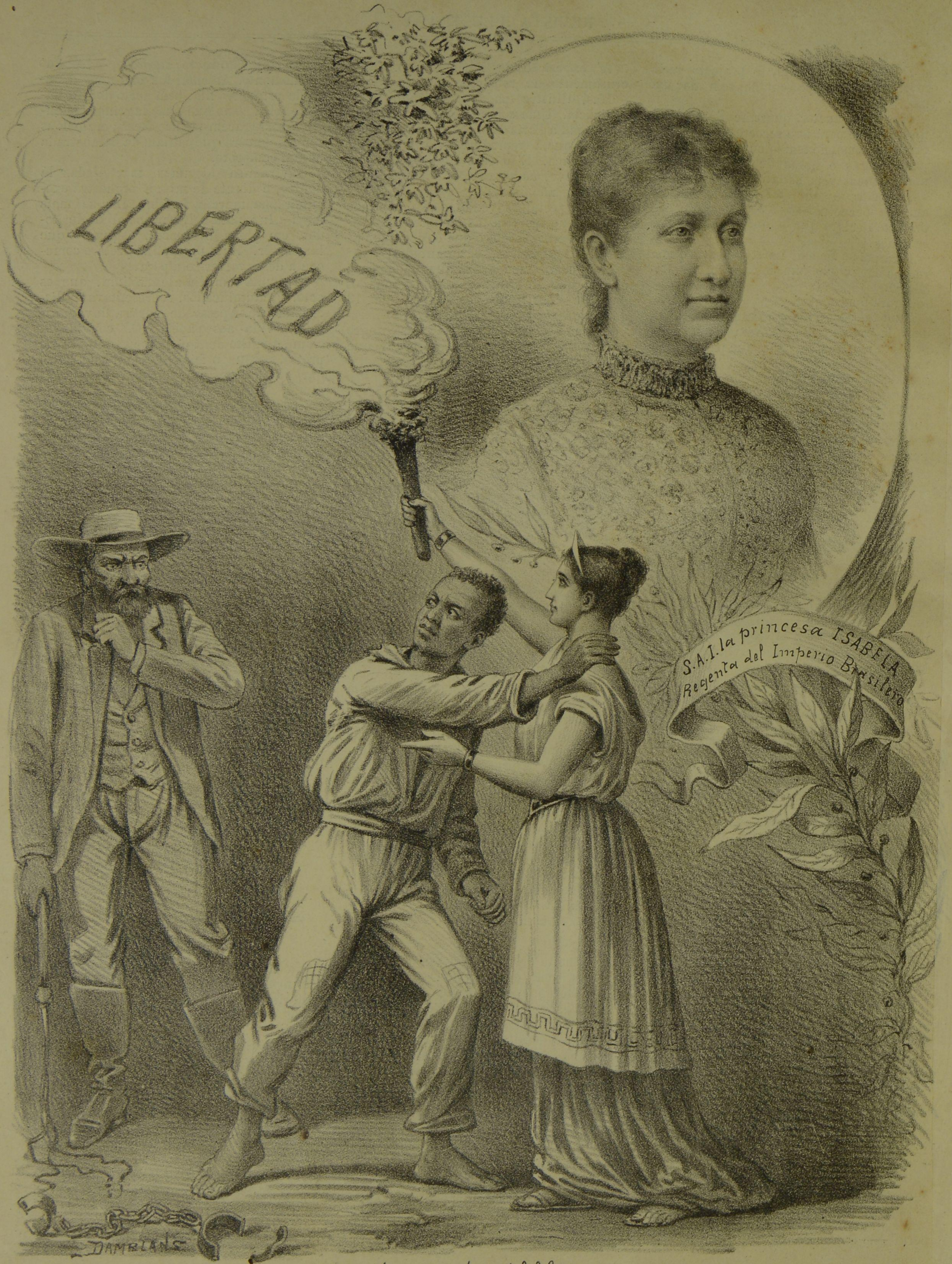
Na proxima semana começaremos a distribuição do 2º fasciculo d'esta divertida historia, contendo os seguintes capitulos: — *Zé encontra um cumulo no seu caiporismo*, — *Consequencias imprevistas de um suicidio ducha*. — *Zé começa a sentir não se ter suicidado de véras* — *O negocio complica-se, de véras*. — *Onde fica provado o risão do justo que paga pelo peccador*. *Em viagem para a roça*.

Desde quarta-feira, podem os nossos assignantes reclamar o fasciculo em nosso escriptorio.

Para os nossos assignantes o preço é de 1\$000 rs, e para os que, o não forem 2\$000rs.

A ADMINISTRAÇÃO.

Typ. J. Barbosa & C., r. da Ajuda n. 31



13 de Mayo de 1888.
(Reproducción de una página de nuestro colega EL MOSQUITO, de Buenos-Aires.)